

BIBLIOGRAFIA

Sobre a intervenção do princípio de substituição de infinitésimos no estabelecimento de algumas fórmulas do Cálculo Diferencial. Separata da *Revista do Instituto Superior de Comércio*, Lisboa 1929.

Sobre a aplicação de um grupo de fórmulas do Cálculo das Probabilidades na teoria dos seguros de vida. Separata da *Revista do Instituto Superior de Comércio*, Lisboa 1930.

Sobre o espaço de capitalização. Separata da *Revista de Economia*, Lisboa 1948.

Interpolação e integração numérica. Lisboa 1933.
Lições de Álgebra e Análise — Volume I, 2.^a edição, Lisboa 1945; Volume II, Lisboa, 1940.

Cálculo Vectorial. Lisboa 1937.

Conceitos fundamentais da Matemática — Volume I, 4.^a edição, Lisboa, 1945; Volume II, 2.^a edição 1944.

A vida e a obra de Evaristo Galois (*Conferência*). Lisboa 1932.

A cultura integral do indivíduo, problema central do nosso tempo (*Conferência*). 3.^a edição, Lisboa 1941.

Galileo Galilei, valor científico e moral da sua obra (*Conferência*), 2.^a edição, Lisboa 1940.

A arte e a cultura popular (*Conferência*). Lisboa 1936.

Rabindranath Tagore (*Conferência*) Lisboa 1939.

Algumas reflexões sobre a Arte (*Conferência*) Lisboa 1943.

Colaboração em «Gazeta de Matemática»

Abel e Galois. N.º 2—Abril 1940.

Ao leitor. N.º 5—Janeiro 1941.

O cinema no ensino. N.º 10—Abril 1942.

Galileu e Newton. N.º 11—Julho 1942.

Nota (Pedagogia). N.º 11—Julho 1942.

Resposta às considerações anteriores (Pedagogia). N.º 12—Outubro 1942.

Algumas reflexões sobre os exames de aptidão. N.º 17—Novembro de 1943.

Nota (Pedagogia). N.º 19—Maio 1944.

O número π . N.º 22—Março 1944.

Em guisa da continuação dum debate (Pedagogia). N.º 23—Fevereiro 1945.

Colaborou ainda nas revistas «Técnica», «Seara Nova» e «Vértice», no quinzenário «O Globo» e nos semanários «O Diabo» e «A Liberdade».

O Professor Bento Caraça

Não chegou ainda, na verdade, a ocasião de se poder analisar, na sua verdadeira grandeza, a personalidade do Professor Bento Caraça, nem, e muito menos, a de se precisar com rigor o significado autêntico e a projecção real da sua obra. Existe, em primeiro lugar, a quasi impossibilidade de, aqueles que mais de perto o conheceram, se aproximarem da sua memória, sem que os domine emoção quasi irrefreável, por ventura susceptível de os induzir a avolumar aspectos secundários dessa personalidade riquíssima, se é que havia alguma faceta discordante no equilíbrio do conjunto. Em segundo lugar, estudar a personalidade e a obra do grande Professor equivale no fundo a fazer a análise de uma das mais tortuosas épocas da nossa história, tão profundamente nela se faz sentir a sua intervenção. Falta, por outro lado ainda, que a distância nos permita uma perspectiva suficientemente ampla e profunda dos homens e dos acontecimentos nossos contemporâneos, para que, na relatividade de uns e outros, a estatura do Professor Bento Caraça possa avultar nas proporções que lhe convêm.

Estas e outras circunstâncias constituem escolhos quasi impossibilitantes de que a figura do Professor Bento Caraça seja colocada no lugar próprio adentro da história contemporânea do nosso País. Mas, apesar das limitações que possamos encontrar, o futuro exige de nós, a seu respeito, o nosso depoimento de testemunhas oculares. E, desta maneira, se é justo explicitar as dificuldades em prestá-lo deve ser tão somente para tentar avaliar a influência de cada uma delas a fim de podermos superá-las. E só deste modo se poderá compreender, por agora, ao menos quanto lhe devem algumas gerações de portugueses e, daí, quanto profunda foi a sua influência na vida nacional.

Foi para responder às solicitações mais urgentes do meio e da época que se orientou grande parte da sua actuação de Professor e homem público. E essa actuação manifesta um esforço permanente e sistemático no sentido de seriar os problemas nacionais por ordem de urgência e de dependência recíproca, de forma a que as soluções necessárias tivessem alicerces firmes.

Ao atacar esses problemas o Professor Bento Caraça abstraiu por completo de quaisquer vantagens pessoais e até mesmo, o que é mais importante, de algumas das suas mais legítimas aspirações de cientista. E este acto de renúncia pessoal, para o qual é necessário muito mais heroísmo do que geralmente se crê, encerra uma grande parte do significado moral da lição que da sua conduta nos é lícito tirar. Se ele, que possuía como poucos, as qualidades necessárias para deixar o seu nome ligado a contribuições originais no campo da sua especialidade, tivesse querido refugiar-se na «tôrre de marfim» do pensador (...), alheio ao bulício e às convulsões do seu tempo, quantos momentos dolorosos essa posição lhe teria evitado e quantas vantagens, de vária ordem, lhe poderiam ter advindo!

Mas não; o Professor Bento Caraça escolheu precisamente o caminho mais espinhoso.

Na verdade, sustentou que o movimento cultural que se tornava necessário impulsionar, só poderia conduzir a resultados verdadeiramente fecundos, se fossem chamadas a ele camadas sucessivamente mais amplas da população. Só assim estaria garantida a sua continuidade, só assim estaria ao abrigo das distorções ocasionais e imprevisíveis, só assim haveria a certeza de que os seus resultados seriam colocados ao serviço de homem. Para isso, ele sentia ser necessário—e mais de uma vez o declarou—que os homens de hoje viessem a constituir a argamassa em que assentariam os alicerces do edifício que outros haveriam de levantar.

Norteados por estes princípios preocupou-se menos em construir a sua obra do que em preparar a obra de todos; menos em avaliar previamente os resultados que adviriam *para si* do que as vantagens que os outros poderiam colher dela. Destes objectivos não se afastou um só momento e, nem sequer alguma vez—fossem quais fossem as circunstâncias—se deixou vencer por hesitações ou desânimos.

Nunca alguém o viu delirar com o triunfo nem desesperar com o insucesso; nos momentos mais promotores ou nas condições mais dramáticas a sua naturalidade, que não era indiferença, permanecia inalterável. e, no entanto, estava muito longe de possuir um temperamento frio ou insensível à emoção.

Assim como exercia sôbre as suas ideias um controlo permanente, exercia sôbre a conduta uma vigilância minuciosa porque considerava de altíssima importância o valor do exemplo na criação da auto-disciplina, no reforço do espírito crítico e, consequentemente, na determinação da conduta.

Não há, talvez, por isso mesmo, a mínima discre-

pância entre a sua obra e a sua vida. Aquilo que defendeu, praticou-o, e pode mesmo dizer-se que uma grande parte dos ensinamentos os transmitiu pela prática.

Ao ler hoje a sua obra é imprescindível determinar com rigor o momento e as circunstâncias a que corresponde; de outra forma, corre-se o risco de a desvirtuar.

Mas, com êsse cuidado prévio, que grande lição ela encerra! Mostra-nos, precisamente, como o seu esforço era diário, sistemático e medido; como não perdia a mínima ocasião de colocar uma pedra, na impossibilidade de erguer um edifício; como o homem verdadeiramente interessado em ser útil pode sempre fazer alguma coisa e como a ambição do definitivo constitui muitas vezes um refúgio de incapacidade, do desinteresse ou da preguiça.

Esta sua qualidade avulta ainda mais na relatividade dos acontecimentos e dos homens. Quem hoje se der ao cuidado de rememorar a vida da maioria dos portugueses da sua geração e condições sociais, mesmo dos que partiram com ele, e observar sumariamente as trajectórias que seguiram ficará impressionado com o contraste. Quantos passaram como meteoros, quantos seguiram trajectórias desnordeantes, quantos tentaram acompanhá-lo e, ao sentir a dureza da jornada, se afastaram em silêncio, e quantos, arrastados pela torrente das contradições que tem caracterizado esta época de instabilidade, se perderam, se acomodaram ou se comportam como vencidos!

Nada disso, porém, o fez desorientar ou desanimar. Cada reviravolta, cada incompreensão, ele as situava no seu verdadeiro motivo e significado, sabendo vê-las à luz das circunstâncias que as tornaram possíveis. E com os ensinamentos que delas ia colhendo, mais se fortaleciam as suas convicções, possibilitando que a sua firmeza se mantivesse completamente alheia a sentimentos de rancor, a desejos de vindicta ou a desalentos de vaidade ferida. É que a sua conduta alimentava-se em fontes muito mais profundas onde não cabem semelhantes atitudes de espírito. E isso lhe dava ainda uma compreensão e uma tolerância largas perante as pequenas fraquezas, ao lado de uma intransigência inquebrantável nas questões fundamentais.

Confiava essencialmente nas possibilidades do Povo Português para cuja valorização económica e cultural dirigiu o melhor dos seus esforços. Dedicou-lhe a vida inteira. Se alguma compensação desejou como prémio, foi a de que o seu esforço não fosse improficuo. Estava profundamente convencido de que não o seria. E certamente o não foi.